

valério ~~romão~~
cair ~~para dentro~~
a ~~abysmo~~













valério ~~romão~~
cair ~~para dentro~~
~~abysmo~~

Ao António de Castro Caeiro e ao seu pai.

I'm afraid I caught poetry
Oh, really? Well, don't worry. I used to suffer from short stories
Really, when?
Oh, once upon a time.
MONTY PYTHON FLYING CIRCUS)

Poetry is what happens when nothing else can
CHARLES BUKWOSKI

A mãe levou uns bons quinze dias a aceitar que ele se tinha ido embora. Quando o fez, naufragou no sofá de pele e chorou um dia inteiro, vindo à superfície apenas para poisar os olhos na acne da parede, filigrana de areia e geografia de bolor onde eu sabia que ela o divisava, em jeito de projecção unipessoal caseira, contentinha na pobreza de interromper a realidade com as coisas que os olhos põem nas coisas que os olhos querem ver.

Eu não lhe podia dizer o quanto estava contente por ele ter saído das nossas vidas. Em primeiro lugar, porque não sabia se era definitivo ou se o sujeito, afoito no arrependimento de pacotilha

nunca mais e prometo eram apelidos adoptivos não nos apareceria novamente em casa com uma naturalidade desarmante, esbodegando-se em frente ao noticiário num abandono de morsa e reclamando a pontualidade do jantar, o dinheiro que só eu meto em casa, esta balbúrdia de coisas espalhadas no quarto mais a fedelha intrometida, que não me soubeste dar um filho, e eu fixava-me nos olhos dele até lhe perturbar em definitivo o equilíbrio entre não se levantar e aplicar-me um correctivo e quando me assentava uma galheta na cara eu saía do transe

um grande buldogue inglês aspergindo a sala de baba e visco, *poltergeist* eunuco em camisa de flanela

e rumava ao quarto, metia-me na cama e jurava a Santa Teresinha que um dia o havia de ver morto ou, hipérbole de criança, ainda pior.

Por outra parte, parecia-me no mínimo sensato refrear o sorriso na companhia da mãe e acompanhá-la neste velório de duração indeterminada, virgem de arame sempre disponível para erguê-la pelo braço, vamos embora mamã, já paguei mamã, o senhor diz não ser possível fiar-nos mais sem lhe liquidarmos a dívida, sim, disse liquidar, não sei, suponho que seja um modo simpático de dizer pagar, e lá andávamos as duas pelo bairro, eu a substituía-la na atenção a dar aos passeios, nas respostas às poucas pessoas que nos interpelavam para saber do desaparecido, na contagem do dinheiro em processo de rarefacção acelerada, as duas repetindo várias vezes ao dia o circuito do pão ou da farinha, culminando sempre, qualquer que fosse o trajecto, com uma visita à oficina dele, e ela ficava no passeio do outro lado da rua, instruindo-me na tarefa de bater à porta e auscultar por vida, chame pelo seu pai, dizia, calhando não passar ninguém na altura, e eu, asco contínuo, batia com o nós dos dedos no portão de zinco enquanto a mãe, de mãos tremelicas na mala praticamente vazia, ia repetindo, em crescendo de volume: chame pelo seu pai, e eu, querendo dizer tudo menos pai, batia com força acrescida na porta até fazê-la ribombar como um grande telhado de chapa massacrado pelo granizo, e a dor, não sendo suficiente para dar conta da ninhada de remoinhos nascendo-me por dentro, pelo menos fixava-os, domesticando-lhes o trajecto, e só a voz da mãe, sobrepondo-se à ressonância das minhas mãos naquele lago de zinco, agia em contraciclo, e quando dava conta do sangue nas mãos, semeando palmas de fogo pela porta verde,

e dos braços da minha mãe a resgatarem-me aos soluços, já era tarde, já eu só sabia dizer pai ou todas as palavras eram subitamente apenas pai, e sublinhava cada grito com um murro e quanto mais gritava mais batia e quanto mais gritava mais me apetecia bater-lhe.

Primeiro vieram buscar grande parte da mobília, aparador e cristaleira de mogno, tapetes impecáveis guarnecidos de um plástico grosso que estava habituada a ver apenas nos estendais e nas estufas de quintal, vieram os homens na sua comisseração rapace,

não lhe posso dar mais por isto, minha senhora lestos a sacar um par de notas do bolso da camisa suada, cada leva aguentava-nos no máximo três semanas e eles, farejando a fome aos solavancos e sob o manto de uma diligência humanitária

era só para saber se têm passado bem, a senhora mais a menina, e se por acaso não repensou a minha oferta relativamente ao televisor

regressavam periodicamente, às vezes cruzando-se no *hall* do prédio, sr. Joaquim, sr. Alfredo, uma piscadela de olho de quem sabe ao que vem, e quando a mãe abria a porta lá estava um deles, de cigarro pendente nos queixos, puxando as cobras dos suspensórios num maneirismo de banqueiro, sorriso tão mais aberto quanto mais a mãe parecesse triste e magra e descabelada, a mãe que só vestia de preto desde que o pai se fora, viúva precoce sem direito a cadáver, tremelica da voz e das mãos, incapaz de traçar um rumo que não fosse o fundo, e de cada vez que a água nos voltava a dar pelo pescoço lá andava ela de noite a fazer contas às roupas ou ao roupeiro, à varinha mágica

que comprara em prestações, aos meus sapatos de bebé, praticamente novos, dado que andava sempre descalça em casa e, aproveitando o poisar incessante dos abutres na soleira da porta era só para saber se têm passado bem, a senhora mais a menina, e se por acaso não repensou a minha oferta relativamente ao televisor

tem interesse numa roupa de menina em muito bom estado

convidava-os a entrar, indicando-lhes o caminho e refreando-lhes o pé de cada vez que calhavam a pô-lo fora do plástico, agora revestimento de coisa nenhuma senão das tábuas do chão e dos percevejos multiplicando-se na proteção das gretas,

eu compro-lhe as roupas usadas, apesar de não ter grande uso para elas, mas um homem com coração faz o que pode

e a mãe assistia imóvel ao ensacar dos bibes, das saias e dos casaquinhos bordados, a cinza do cigarro a chover por cima das coisas e do chão, a minha mãe alheia a tudo menos ao creptitar de uma nota órfã a desunir-se das restantes num apagar de vela, os dedos grossos do homem estendendo a nota e a minha mãe lamentando a magreza inaceitável do negócio

mas isto só dá para três, quatro dias, sr. Afonso ao que o homem respondia sacudindo a cabeça num estertor de impaciência,

eu estou a fazer-vos um favor, minha senhora, que as crianças crescem rápido e ninguém compra tanta roupa para a mesma idade, pelo que é aceitar ou vazo o saco, que já perdi muito tempo com isto

e a mãe estendendo a tesoura dos dedos até catar a nota como se fosse a única folha acessível de uma árvore caprichosa que

guardasse as restantes rente ao céu, e o homem voltava a saber sorrir, não se coibindo, em passando pela sala, de namorar mais uma vez o televisor

isto ouve-se bem

e a mãe que sim com a cabeça apenas, o homem passando as mãos pelo aparelho como quem afaga um cão amistoso,

esta marca é das boas

a pobre sem saber como enxotar-lhe a gula, especada à porta daquele naufrágio cada vez mais desocupado, a voz dele ricocheteando nas paredes despidas, se já tinha ido a arranjar alguma vez, se tinha sido comprado novo, se não estava a pensar desfazer-se daquilo, e a minha mãe que não com a cabeça apenas, sacudindo da saia os restos da cinza do cigarro e o homem

prontos, diga-me quando mudar de ideia, tenho gente a procurar por um aparelho destes

e dirigia-se para a saída, saco preto às costas como um pai natal ao contrário, confiante de que a fome e os seus soldados semeassem o vazio por toda a parte até restar somente o televisor e um exercício desfasado de orgulho, e quando chegava à porta por onde entrara

sabes, murmurava, podia sustentar-te a troco de umas fodinhas, e olha que deves estar a precisar

e a mãe fechava-lhe a porta na cara, sem estrondo, desaposando o acto de qualquer conteúdo hormonal, apenas educação e um trinco, nem um boa-tarde em jeito de provocação, e o gordo, murchíssimo, do outro lado, acendendo um cigarro,

hades cá vir

e a mãe, esboçando a possibilidade de um sorriso, vinha sentar-se no sofá, acendia o televisor e mandava-me ao pão.

Acordei estremunhada com aquele barulho de chuva incessante, tacteando a mesa-de-cabeceira em busca de um interruptor pelo qual reavivar no quarto um dia sintético sem lograr achá-lo, de hesitação em tropeço até à janela, a palma da mão à procura do coração chuvoso, cardiografia de coisa nenhuma, afinal da chuva chove-lhe só a voz, e às escuras tacteio o caminho para fora do quarto,

condomínio de baleia que habitamos em regime de mineiros, escavando com pesados instrumentos os órgãos ociosos que nos recebem o sono, a fome e a até a merda, queijo suíço onde nos cruzamos em silêncio, formigas duplamente cegas para a frequência do outro

amparada pela geometria do corredor, incapaz de ligar a luz pelo medo de que aquilo que quero encontrar me encontre primeiro, o zunido a crescer à medida que me aproximo da sala, passo pelo relógio onde a quina de uma luz reflectida me devolve as horas, três, não alcanço saber os minutos pela janela desta luz caprichosa e avanço com crescente cuidado para a sala, a chuva a rugir cada vez mais alto, a porta semicerrada derrama um brilho irregular,

quem está aí, muito a medo, na esperança de incrementar a coragem por efeito de retroalimentação,

abro a porta até conseguir esgueirar-me para dentro da sala, a Eugénia está sentada no chão, encostada às pernas de alguém no sofá, um homem, um homem arqueado, o meu pai, o meu pai, e o coração recolhe do esconderijo que encontrara na garanta, os dedos voltam a saber o sítio dos interruptores,

que faz aqui, pai,
ele voltando a cabeça, coruja velha e sorridente, a cordilheira
incerta dos seus dentes a recortar na boca a sombra de múlti-
plos planaltos,

Eugénia, porque não está a dormir, e que faz aqui o
avô consigo na sala, e o televisor, porque está ligado, responde-
-me Eugénia, responde-me,
e a menina, trôpega nas palavras, que o avô tinha entrado em
casa há bocado, que lhe abrira a porta da despensa, e ela, acor-
dando com a luz, ali o tinha, árvore torta florescendo em sorriso,
e estava com medo, mamã, ele não respondia, então
peguei-lhe a mão e viemos até aqui à sala, ver a neve a cair no
aparelho, mas não a queríamos acordar, desculpe,
desculpe.

Disse à Eugénia para tirar tudo do quarto porque receberíamos
em breve hóspedes com os quais teríamos de dividir a casa, e
expliquei-lhe, tanto quanto me pareceu dever-lhe uma explica-
ção, que isso iria ter a contrapartida de nos dar algum desafio
financeiro, malgrado forçar-nos a dividir o espaço com estran-
hos, mostrei-lhe o mapa esboçado numa folha e as divisões,
feitas a lápis de cor, entre nós e eles,

somos apenas duas e ainda assim temos a maior
parte da casa, vê
e fi-la aprender o horário da casa de banho e da cozinha, que
não queria vê-la misturada com aquela gente de quem sabia
apenas serem limpos e honestos,

isso na asserção da dona Matilde da mercearia, ela pró-
pria longe de ser um modelo de asseio e eu longe de querer
explicar à criança coisas de dinheiros

e perguntei-lhe se percebera tudo e se tinha alguma pergunta importante, apenas para lhe ouvir a tontice do costume,
vou poder dormir consigo, mamã?

Eu sabia que o sujeito havia de nos deixar, mais cedo ou mais tarde, era vê-lo nos cafés e em casa para perceber a diferença abissal entre o trato que nos dispensava e aquele que reservava para os amigos, diametralmente oposto. Fora de portas era o homem generoso, pronto a dar a camisa do corpo para remediar um necessitado, incapaz de recusar um copo de três a um amigo em cujo porta-moedas ressoasse somente o silêncio, sempre disponível para emprestar a caçadeira ou um grande molho de cartuchos, e por onde passava as pessoas cumprimentavam-no com a deferência reservada a quem enriquece no exercício da bondade imoderada

*coração excelentíssimo que o homem do talho pendura*¹

mas eu conhecia-lhe a vileza escondida, o metamorfosear à porta de casa, os olhos redondos de bicho carente e servil a darem lugar ao rasgão cínico que define os répteis e os mamíferos pouco fiáveis,

as discussões à mesa, a forma como arremessava o prato para a frente, acrescentando à toalha uma medalhas suplementares de humilhação, isto não se dá nem a um bicho, atirava para a mãe, silenciosa como as crianças que não acertam uma

sabia aferir-lhe a fúria a crescer-lhe geometricamente no peito pela maneira como se recostava à frente do televisor, unhas cravadas na poltrona numa angústia de animal enjaulado para

contemplação turística, a casa e a nossa presença a espartilhá-lo até à exaustão do fôlego

vou beber um café,

e arrancava porta fora, casaco pendurado no gancho dos dedos, o estrondo da porta na ida a contrastar com as picadas murchas da chave ébria à volta do umbigo da fechadura, eu e a mãe terminávamos a refeição em silêncio, eu lavava a louça em bicos de pés sobre uma grade vazia de cerveja, a mãe ligava o televisor para rabiscar uma lista de compras imaginária decalcada dos reclames: o sabonete mais suave, o café do Brasil, um restaurador capilar capaz de repor o cartesianismo de um penteado perfeito, coisas que o sonho se entretinha a desfilhar perante o olhar famélico dos pobres de futuro.

Quando me esquecia de quem era o homem que habitava sob a casca do pai, lançava-me a ele, toda abraços e mimo, apenas para sentir-lhe o asco e a violência, afastando-me como se desocupa a perna daqueles cães minúsculos em contrações de cio, eu que dele queria apenas a minguia de um carinho ocasional, a segurança de quem nos anuncia à chegada

*bem-vindo ao continente dos frágeis
podes parar de nadar².*

Os avós também têm deveres aos quais não convém esquivarem-se, disse à minha mãe e ao meu pai, numa das poucas vezes que nos visitaram desde que o Aniceto saiu de casa, ela sempre a inventar desculpas para não aparecer, fosse uma alergia súbita à cola do papel de parede ou uma tendinite de esforço nas costas, e eu cansada de saber que ela não vinha

mas ele disse-lhe porque se ia embora

não, mãe, ele desapareceu, não deixando propriamente uma carta escrita, já as dívidas

não me fale em dinheiro, Virgínia, que eu e o seu pai, só Deus sabe

porque ele saíra de casa e mais recentemente porque arrendara dois quartos com usufruto de casa de banho e cozinha aos Silva

aqueles raquíticos do Norte, até o miúdo bebe vinho tinto do frigorífico, credo

gente muito humilde mas de facto deveras provinciana, a dona Rosa nem sabia usar uma pinça para mondar aquela monoce-lha de carvoeiro, era ouvir-lhe os gemidos vindos do quarto, a pele da testa feita numa lavoura de feridas,

deixe-me ajudá-la, dona Rosa, que isto a duas é mais rápido

e elas esquivando-se dos meus préstimos, misto de medo e de orgulho, a minha mãe, das poucas vezes que a viu,

céus, aconteceu-lhe o quê à cara

nada, mãe, nada, ajude-me aqui com estes livros, veja lá se encontra alguma coisa de poesia

mas a Virgínia agora lê essas coisas, olhe que isso não é para as suas idades, e muito menos para a sua condição

não, mãe, é só para ter mais espaço de arrumos, ajude-me a meter isto em cima do roupeiro, se não se importa o miúdo, irrequieto como um cão que não acha o dono, rosado do sol e do vinho, a correr pelo corredor da cozinha para o quarto e do quarto para a cozinha, gritando cucu de cada vez que assomava a cabeça, para gáudio e celebração daquela gente muito poucochinha

ele não se cansa de fazer isto, atirava satisfeita dona

Rosa

e eu com uma dor de cabeça de ir à cama, a ter ainda de rever os trabalhos da escola da Eugénia, a mandar-lhe repetir até os exercícios em que acertava, e a minha mãe, colhendo-me pelo braço no corredor,

mas ele disse-lhe porque se ia embora
não, mãe, apenas foi

ela a franzir a cara de desconfiança, puxando-me ainda mais para junto dela, compinchas de feira a desfiar confidências

mas a Virgínia e ele
quer dizer

naquelas coisas de homem e de mulher
por amor de Deus, mãe, sacudindo-lhe involuntariamente o braço e a terrina a bolçar uma golfada de sopa, ela a seguir-me os passos

não foi por isso, pois não

cada vez mais curtos e cada vez mais rápidos, o meu pai dormia em cima do prato, incapaz de suster a lucidez assim que o corpo parava,

a sopa está na mesa, apressava-me a anunciar e o meu pai, acordando da sua letargia de ciclos curtos, ria-se, os olhos postos num azulejo ao calhas da cozinha, o pai que de há uns anos para cá e desde a trombose vinha perdendo as faculdades, restando-lhe apenas o riso, além das coisas em que os bichos também se executam,

não foi por isso, pois não

e um calor inesperado a subir-me pelo esófago acima, o pai a sorver a sopa como um lagareiro, salpicando metade para cima da toalha de mesa, e a mãe, de pé, a limpar as colheres com um guardanapo de pano,

coma antes com esta, pai

e de repente toda a gente olhava para os talheres, a mãe a dar-me cotoveladas, dirigindo-me a atenção para o espelho curvo da colher, onde via reflectido, por entre a geografia das manchas, o seu olhar reprovador, talvez tenha sido isto a gota de água, imaginava-a a pensar: as pratas sujas, as golas da camisa mal engomadas, a possibilidade quase certa de um encontro nocturno na horizontal,

coma antes com esta, pai

o azeite do bacalhau no forno a crepitar, o ponteiro dos segundos do relógio de cozinha em espasmos de picareta,

tem a certeza, Virgínia, não foi por isso, pois não o miúdo no corrupio dos cucus e dos coices no soalho, a mãe a seguir-me à volta da mesa, inspecionando a limpeza e a disposição dos talheres, a brancura dos guardanapos de pano, a disposição geométrica dos motivos da loiça, o cotovelo dela no meu braço em contratempo com o relógio de cozinha, o calor a desbotar-me a paciência e a clareza da vista, eu que só queria descansar a cabeça e fechar os olhos e fazê-los desaparecer a todos num eclipse volitivo,

não foi por isso, pois não

e eu a rechaçá-la tanto quanto possível sem captar a atenção dos burgessos, numa diplomacia de cotovelos fragilizada pelos barulhos e pelo calor, e a gente dá de si, a gente dá inevitavelmente de si,

ele não me deixou, mãe, deixou-a a ela

deixou-a a ela, percebe,

deixou-a a ela, eu

as mãos e os olhos de todos pousados na mesa, de repente o silêncio, até o miúdo suspendera o trote, o olhar a convergir

alternadamente para a Eugénia e para os pratos defronte de cada um, e eu passeando a terrina como uma criada, alguém quer repetir a sopa.

O Jorge apareceu a meio do segundo período, ele e os pais vindos de uma terra cujo nome se escusava sempre a dizer quando lho perguntavam, e toda a gente fazia pouco das suas orelhas, desproporcionais para qualquer formato de cabeça, mas eu gostava delas porque me lembravam o Dumbo, aquele elefante de quem se esperava unicamente um calvário de desilusões e que afinal voava, obrigando todos quantos se tinham rido dele a olhá-lo de baixo para cima enquanto se desmultiplicava em *loops*, oitos e volteios, e eu imaginava-me a voar com ele, bastando para tal abrir os braços e acreditar, e se não vivêssemos no rés-do-chão já o teria experimentado, porque se havia coisa que não me faltava era o crer.

O Jorge era bonzinho e, como eu, incapaz de participar nas muitas tropelias pelas quais as crianças se descobriam nas fragilidades dos animais,

as lagartixas a que arrancavam os rabos para os ver sacudindo na palma da mão até se lhes acabar aquela estranha autonomia, os gatos que sacrificavam no altar na experimentação caseira, atirando-os do ponto mais alto possível, de costas, para os ver rodopiar como se atmosfera fosse um emaranhado geométrico de pontos sensíveis a que só eles tivessem acesso, as moscas, presas pela cabeça com um fio de cabelo que as meninas, num misto de repugnância e curiosidade, arrancavam, a troco da promessa de as deixarem em paz e ficávamos muitas vezes no perímetro das brincadeiras, num fascínio de quem assiste a um acidente, vergados pela

compulsão hipnótica do olhar incidindo sobre o que lhe é estranho, procurando um sentido para aquela algazarra de escoteiros em fúria, e nas órbitas que traçávamos em redor dos outros calhava às vezes ficarmos lado a lado, eu muito hirta como aqueles soldados que ladeiam as portas dos quartéis, e quando fechava os olhos conseguia ouvi-lo a respirar, e sincronizava a minha respiração com a dele para estarmos ainda mais perto.

Vendi a antena do televisor, estava praticamente nova e tinha custado quase tanto como o aparelho. Não queria dar a quem viesse a casa a satisfação de nos ver a definhar em câmara lenta, gosto muito da forma como arejou a casa, diziam as poucas pessoas que por algum motivo recebíamos, um eufemismo para o vazio recortando nas paredes um contorno pálido para os fantasmas das coisas, e quando os levava à porta e passando pela sala, lá encontrávamos a Eugénia, meio atoleimada, em frente do televisor em regime de aguaceiro.

Há pessoas que não têm noção da conveniência e aparecem em todo o lado como se fosse tudo normal, mas não é bem assim, não é, dona Argentina, ao que a outra respondia que sim, os lábios finíssimos, secos da ausência de dentes, as gengivas mirrando sob o alçapão da placa, um sim atirado como o veneno que as cobras do ultramar cospem, e a mãe, com os dedos pousados na mala de mão, subindo-lhe uma raiva abafada a custo, o olho esquerdo dela a piscar numa arritmia de válvula, tentando conter o arsenal interior de facas que desaguaria sobre todas as filas da frente, acaso o olhar fosse subitamente o instrumento do tacto,

facas e lanças e espadas capazes de romper árvores, sinestesia convocando a materialização daquilo que se imagina quando no coração entram os afluentes do ódio,

esta gente muito pouca, murmurava a mãe por baixo do *minha culpa, minha tão grande culpa* entoadado em coro, gárgulas despenhadas em casca de *terylene* e cetim, pateando igreja fora mal o padre baixava os braços, e uma delas, a da conveniência, inchada de moral e dirigindo-se à mãe

não tem consciência de que as pessoas divorciadas não devem frequentar a Igreja, e a minha mãe, olho esquerdo em frequência de guilhotina bêbeda, não estou divorciada, dona Alice, ai não, voltava a outra, e o seu marido, onde está, isso não é da sua conta, minha senhora, e apressávamo-nos a sair do pátio, a mão dela puxando-me numa pressa de quem leva o cão à rua sem tempo de vê-lo pingar todos os hidrantes, vamos embora, Eugénia, vamos embora.

Quando o relógio der as sete, Eugénia, poderá levantar-se, recolher a manta que está na cadeira aqui ao meu lado e tapar-se. Eu sei que é Inverno e que a Eugénia tem frio, e mesmo que quisesse mentir-me, o seu corpo não lho permitiria; não a proíbo de recolher a manta agora mesmo, isso seria contraproducente e ensinar-lhe-ia muito pouco. O que lhe proponho é outra coisa. Se recolher a manta antes de o relógio bater as 7, poderá usufruir dela até ir dormir, não mais. Dormirá esta noite com um lençol apenas a tapá-la, Eugénia. Se, por outra parte, conseguir evitar a tentação própria do vulgo, de trocar um bem maior e mais distante por outro, mais pequeno mas imediato, poderá recolher a manta depois do jantar e poderá tapar-se com ela esta noite.

No início, dormir na despensa custou muito. Era o cheiro a terra e a cebola e o medo de que o chão se abrisse quando a mãe puxava o cordel da lâmpada, o cubículo subitamente transformado num ralo por onde escoar a vergonha,

na verdade nunca quisemos ter uma menina, dizia ela de cada vez que me gabavam o sorriso imaginava ainda o ruir das prateleiras e a chuva inclemente dos frascos e a mãe, de manhã, a explicar aos Silva o desaparecimento dos víveres,

estava tudo aqui ontem à noite, antes de fechar a porta, Deus é testemunha de que digo a verdade e eu já longe, naufrágio de outras águas, a ser acolhida um dia por uma tribo de índios como os que vira num filme de domingo à tarde, selvagens em tudo menos no trato com as crianças, e eu crescendo na sombra generosa de uma tenda hexagonal, ensinando aritmética a troco de lições de arco e flecha e pintando de ocre o rosto engelhado das mulheres lambidas pelo sol, mas o medo nunca se lembrava de mim senão para as coisas dele, e assim que a luz sumia do céu caseiro sem nunca revelar a filigrana de estrelas pelas quais eu pudesse fixar, fora de mim, os apertos do coração, enrolava-me sob as mantas, como os bichos quando têm frio ou quando dormem ao relento e rezava pai-nossos de enfiada, esperando que o Senhor na sua proverbial onnipotência velasse até pelas crianças dos sítios esconsos.

30 CAIR PARA DENTRO Com o tempo fui-me rodeando de amigos. O sr. Alfredo, uma batata à qual desenhava um bigode muito farfalhudo com um aparo de tinta permanente e bastante cuidado para não lhe lascas a pele e precipitar-lhe o apodrecimento, e não vivíamos numa abundância que permitisse substituir o sr. Alfredo mais a

família sem que a mãe ou os Silvas dessem conta e revistassem a despensa, e só era possível brincar com eles e levá-los a passear enquanto não exalasses aquele cheiro que vem de mãos dadas com a morte e os seus soldados, por isso cada bigode, cabeleira a dona Chica, que vivia num terror permanente de gatos chapéu ou saia plissada,

duas irmãs muito amigas excepto quando vinha a comida para a mesa

era executado com a minúcia e a precisão possíveis para quem trabalhava à luz da vela.

Das poucas vezes que tinha de refazer a família por completo, ora porque surgia uma visita inesperada num almoço de domingo e alguém cuidava de ter batatas que chegassem para não passar fome e vergonha,

quando dava conta da mãe ou da dona Rosa procurando pelas batatas em falta, de acordo com o inventário mental, apressava-me a ir ao tanque lavar a roupa e os traços do sr. Alfredo e da família, e quando a mãe, por descargo de consciência, voltava a procurar pelas batatas na despensa, sentia-me como se estivesse na posse embrionária e grosseira da magia pela qual, no circo, se fazia nascer pombas dentro de caixas absolutamente vazias

ora porque uma das meninas contraía uma das muitas maleitas próprias das crianças que não vêem a luz do sol e, de uma mancha verde inofensiva no baixo ventre surgia, passado pouco tempo, um acne pútrido e contagioso que acabava inevitavelmente por dizimar toda a família,

sentava-me no chão da despensa, e com a luz de duas velas orientando-me a caligrafia das feições, ia devolvendo às batatas amorfas a vida possível para um demiurgo de algibeira, e

quando acabava, muito feliz por não dormir sozinha, recostava a cabeça, dorida de tanto parir, e choviam-me estrelas inaugura-rais dentro dos olhos.

A professora chamou-me à escola para uma reunião, divergindo assim do modelo de correspondência triangular na caderneta da Eugénia, perfeitamente adequado, na minha óptica, à parca diplomacia escolar que a educação de uma criança de pouco mais de oitos anos pode requerer, pelo que tracei logo os piores cenários possíveis, malgrado a Eugénia até cumprir muito aceitavelmente as metas propostas, e, vestindo-me de acordo com a exigência formal da situação, dirigi-me à escola.

O gabinete da professora, salpicado aqui e ali com os indispensáveis calhamaços de impor respeito ao vulgo, servia à justa para acomodar duas cadeiras e uma grande secretária na qual floresciam apenas duas molduras de bronze onde jaziam, inertes, uns cães e uns velhos, testemunhas silenciosas do malogrado exercício da maternidade ao qual a professora se furtava, excepto no contacto de foro profissional com os filhos alheios e no carinho que nutria pelos bichos incapazes de linguagem traduzível.

A secretária era tão grande e o gabinete tão diminuto que a professora, escassa em volume salvo no penteado em dupla testa, tinha de contorná-la de bicos de pés, muitas desculpas e alguns gemidos de permeio, e mal chegava à cadeira já abria um sorriso inesperado e generoso, e, cruzando os dedinhos sapudos uns sobre os outros, começava

dona Virgínia, então isto é assim, a sua filha, e permita-me ser directa, tenho uma dúzia de reuniões esta tarde e pouco feitio para conversa de circunstância, a sua filha, dizia,

é uma criança muito esperta para a idade dela, até para outras idades, arriscar-me-ia a dizer, mas tem uma imaginação talvez excessiva

excessiva

sim, deixa-se levar por qualquer coisa que aconteça na aula ou mesmo à janela, no outro dia foi um pombo

um pombo?

sim, um pombo que posou no parapeito da janela, quando dei por mim não tinha escrito nada do que eu tinha ministrado na aula e rabiscara duas folhas inteiras com desenhos de pombos e pequenos dizeres sobre o animal

dizeres

sim, coisas soltas que pareciam poesia

poesia?

sim, poesia

mas era em verso?

não, não era em verso

então como podia ser poesia?

tinha imagens, está a ver

imagens?

sim, metáforas, realidades que sugerem outras

céus

pois é

e após um breve silêncio em que nos recostávamos ambas na cadeira, a professora prosseguia

tem livros em casa?

poucos, professora

e de poemas, tem alguma coisa?

não, estou segura de que não

ótimo, tem televisor?

temos, mas de momento não temos, quer dizer, está avariado

isso é que é uma pena, mas vamos fazer assim, e reclinando o peito sobre a secretária como se me fosse revelar um segredo, até arranjar o aparelho, continuava, vamos insistir nas disciplinas de história, geografia e matemática, que são coisas muito práticas e muito saudáveis para a formação das crianças, e vamos afrouxar um pouco no estudo do português, até porque a Eugénia não carece de especial cuidado nesse ponto, sim claro, claro

insista para que ela repita os exercícios destas matérias duas vezes cada e se tem jornais diários em casa, mesmo antigos, arrume-os onde ela não chegue

nunca pensei nisso

pois, não tem mal, mas nesta fase todos os cuidados são poucos

tem toda a razão

trate do televisor, tão depressa quanto possa, e não se esqueça de lhe revistar o quarto, que estou certa de que ainda encontra um livro de poesia

espero que não, professora, mas assim farei, assim farei.

No primeiro Natal que passámos sozinhas

os Silvas haviam rumado à terra, como lhe chamavam, e os avós, esses, desculparam-se com a asma inesperada do avô a obrigá-los a procurar em Armação de Pêra um clima mais ameno para as insuficiências respiratórias

a mãe mandou um homem buscar um toco de pinheiro enfezado a troco de umas coroas e fizemos também um presépio,

com umas figuras de gesso que transitavam de Natal em Natal e um musgo generoso colhido da parede a que o sol não chegava, faltava o José e a Maria, para desespero da mãe, convencida de que o filho dos Silva teria mexido nas gavetas onde guardávamos as poucas coisas das poucas festas,

não foi a Eugénia, pois não, não me minta e eu só abanava a cabeça negativamente, incapaz de lhe travar a fúria procuradeira, a mãe remexendo em tudo, até nas cómodas do meu quarto, onde agora viviam os Silva, os três cavando uma depressão no centro da cama

tudo muito sujo, como vive esta gente, senhor, resmungava a mãe, o desespero a inscrever-lhe na cara o baixo-relevo de um abandono universal

pela qual e pela primeira vez eu percebi o que era isso da gravidade e da atracção entre corpos, e como fazia sentido pensar no céu não como o lugar onde as coisas dançam em pares múltiplos mas como o sítio onde as coisas caem eternamente à volta umas das outras, e talvez tenha também percebido instintivamente o sentido de tragédia com o qual tomei contacto muitos anos mais tarde, em filosofia antiga, ou talvez esse conceito o tenha decalcado de ver a mãe, exausta e sentada no sofá, a chorar, tomada daquele desespero em lupa que tudo magnifica até à insuportabilidade, e eu, desmunida do saber pelo qual as palavras regeneram as pessoas, tomei-a pela mão, num exercício de coragem inédita, e levei-a até ao presépio, onde no lugar do José tinha posto o senhor Alfredo e no lugar da Maria a dona Chica, e a mãe, interrompendo subitamente a tristeza, abraçou-me e chorou, só que desta vez ao contrário.

O pai, decidindo abandoná-la, abandonou-me também, e nas primeiras semanas, embora sofrendo naturalmente com o vazio que tomara conta da casa e com a incompreensão de quem só percebe a metade que lhe interessa do pouco que sabe, a minha atenção virou-se para a Eugénia, pois era vê-la deambulando pelos quartos numa toada de perdigueiro, refugiando-se sempre que podia na nossa cama ou ocupando o lugar dele à mesa, como se quisesse pela exposição às coisas resolver a descontinuidade da vida, e eu alertando-a sempre que a via periclitando no choro

olhe que as pessoas não voltam apenas por as chorarmos, Eugénia

mas ela, incapaz de postular um horizonte que não fosse o do sofrimento próprio, acabava por sair de casa à minha revelia, gritando pelo pai rua fora, entrando nos cafés e perguntando por ele às pessoas, envergonhando-me em tudo quanto era sítio, eu que lhe tomava a mão com firmeza para que não corresse atrás do primeiro homem vestido com um sobretudo semelhante ao do pai, na mercearia especava junto às embalagens de café e só saía de lá quando eu me resignava a levar mais uma, engordando a caderneta do fiado à qual ele não prestava contas há mais de dois meses, eu sempre a avisá-lo e ele sempre a adiar para o dia seguinte, e quando calhávamos a passar perto da oficina, por distração ou por força do hábito, ela largava tudo quanto tinha e corria até ao portão, apenas para encontrá-lo invariavelmente fechado, e, declinando o desespero em fúria, batia com força na porta até a fazer ribombar como um grande telhado de chapa massacrado pelo granizo, e a dor, não sendo suficiente para lhe dar conta da zanga que lhe crescia por dentro em volteios de trepadeira, pelo menos

fixava-lhe o gesto, e só a minha voz, sobrepondo-se à ressonância dos punhos dela de encontro àquele lago de zinco, agia em contraciclo, e quando dava conta do sangue nas suas mãos e a resgatava já era tarde, a porta verde semeada de palmas de fogo, engolfava-a nos meus braços, ela tomada pelos soluços, já só sabendo dizer pai ou todas as palavras sendo subitamente apenas pai, sublinhando cada grito com um murro e quanto mais gritava mais batia e quanto mais gritava mais me apetecia bater-lhe.

Ó Eugénia, e se o seu pai a visse agora?

*Na palavra abysmo, é a forma do y
que lhe dá profundidade, escuridão, mistério...
Escrevê-la com i latino é fechar a boca do abysmo,
é transformá-lo numa superfície banal.*

Teixeira de Pascoaes

Edição #68

Lisboa, Fevereiro 2018

Ilustrações e logótipo convidado Alex Gozblau

Revisão Raul Henriques

Composto em caracteres Sabon sobre Coral Book Ivory 100 g.

Caderno das ilustrações em Couché mate 150 g.

Capa em Cartolina chromocard 260 g.

Composição Undo

Impressão e acabamento Rainho & Neves, Lda.

Depósito Legal 437 648/18

ISBN 978-989-8688-62-0

abysmo

Rua da Horta Seca, 40, r/c

1200-221 Lisboa

www.abysmo.pt

o b m o r o i r e l a v
o r t n e b e r s q r i s o
a b y s m o

ISBN 978-989-8688-62-0



9 789898 688620